

Era uma vez dois lenhadores que atravessavam uma floresta de pinheiros a caminho de casa. Era inverno e uma noite de frio agreste. A neve engrossava sobre o chão e sobre os ramos das árvores. À medida que caminhavam, o gelo mordida os ramos que os ladeavam e, quando chegaram à Torrente da Montanha, esta estava parada no ar pois fora beijada pelo Rei-Gelo.



Fazia tanto frio que nem mesmo os animais e as aves percebiam o que estava a acontecer.

“Ui!”, rosnou o lobo, coxeando através do mato com o rabo entre as pernas. “Está um tempo insuportável! Como é que o Governo não trata disto?”

“Piu! Piu! Piu!”, piaram os pintarroxos. “A velha Terra está morta e embrulharam-na na sua mortalha branca.”

“A Terra vai-se casar e este é o seu vestido de noiva”, segredaram as pombas umas às outras. Tinham os pezinhos rosados enregelados, mas achavam que tinham o dever de avaliar a situação de um ponto de vista romântico.



“Que disparate!”, resmungou o lobo. “Estou a dizer-lhes que a culpa é do Governo, e se não acreditam em mim, devoro-os a todos já!”

O lobo tinha um espírito prático e nunca lhe faltavam bons argumentos.

“Bem, pelo meu lado”, disse o pica-pau, que era um filósofo nato, “pouco me ralo com grandes teorias explicativas. Se uma coisa é assim, é assim, e agora está um frio de rachar!”

